

editorial
editorial

entrevista
interview

ágora
agora

tapete
carpet

artigo nomads
nomads paper

projeto
project

expediente
credits

próxima v!rus
next v!rus

ÁGORA
AGORA

MADRES DE PLAZA DE MAYO: ESTRATÉGIAS NARRATIVAS E ESPACIAIS

MADRES DE PLAZA DE MAYO: NARRATIVE AND SPATIAL STRATEGIES

ISADORA MONTEIRO

V!22

REVISTA V!RUS
V!RUS JOURNAL

issn 2175-974x
julho . july 2021



Isadora Carraro Tavares Monteiro é arquiteta e urbanista e mestre em Arquitetura. Atualmente é docente do Instituto Federal de Minas Gerais - campus Santa Luzia, onde desenvolve pesquisa sobre as relações entre cidade, narrativa e gênero na América Latina, atuando nas fronteiras comuns do urbanismo, da literatura e das artes. isa.tavares.monteiro@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/2295509324506866>

Como citar esse texto: MONTEIRO, I. C. T. Madres de Plaza de Mayo: estratégias narrativas e espaciais. **VIRUS**, São Carlos, n. 22, Semestre 1, julho, 2021. [online]. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/_virus22/?sec=4&item=5&lang=pt>. Acesso em: 17 Jul. 2021.

ARTIGO SUBMETIDO EM 7 DE MARÇO DE 2021

PT | EN

Resumo

Em 2021, o *Madres de Plaza de Mayo*, um dos mais resilientes e relevantes movimentos sociais da América Latina, completa 44 anos de existência. Sua luta por direitos humanos atravessa a história da cidade de Buenos Aires e cria um paradigma para a relação entre os movimentos sociais e a produção das cidades latino-americanas. O objetivo deste artigo é fazer uma investigação espacializada da trajetória do movimento e entender a relação existente entre as territorialidades produzidas pela atuação das *Madres* e a construção das narrativas que permeiam o grupo e suas integrantes. A partir dos conceitos de espaços de aparição, de Hannah Arendt, e de território, de Haesbaert, pretende-se mapear a jornada das *Madres* da casa à praça e, posteriormente, a outros territórios. A pesquisa utiliza como método a análise de poemas e prosas do livro *El Corazón en la Escritura* e o mapeamento dos espaços-chave da luta, localizando as trajetórias e espacializando as narrativas do grupo. O artigo conclui que os binários público-privado e materno-político, comuns nas análises de movimentos sociais encabeçados por mulheres, não dão conta da complexidade territorial e narrativa das *Madres* e não fazem jus à contribuição do movimento para uma *outra* produção do espaço e para o enfrentamento das mazelas comuns às nações latino-americanas.

Palavras-chave: Madres de Plaza de Mayo, Buenos Aires, Narrativa, Movimentos sociais, América Latina

1 Introdução

Em setembro de 1983, nos arredores da *Plaza de Mayo*, em Buenos Aires, os desaparecidos da ditadura argentina presenciaram sua primeira experiência de corporificação ao revés¹. Pintadas sobre papel, a partir do

molde de outros corpos (também ativistas e manifestantes), as silhuetas se espalharam por todos os lados: coladas em muros, fixadas em grades e penduradas pelas árvores, as grandes folhas de papel ocuparam a praça que há centenas de anos é palco de grandes acontecimentos políticos e sociais na capital argentina. A ação ficou conhecida como *El Siluetazo* e consistia na ideia simples de confeccionar e expor milhares de silhuetas “vazias”, em uma alusão direta aos corpos insepultos dos torturados e mortos pela ditadura, entre os anos de 1976 e 1983 (Figura 1). A proposta, idealizada pelos artistas Rodolfo Aguerreberry, Julio Flores e Guillermo Kexel, foi apresentada às *Madres de Plaza de Mayo*² às vésperas da terceira *Marcha de la Resistencia*, realizada pouco antes do fim do regime (LONGONI; BRUZZONE, 2008). O movimento das *Madres*, encabeçado por mães que tiveram seus filhos sequestrados e mortos durante a ditadura militar, já despontava, então, como um dos mais relevantes movimentos sociais da América Latina.

A parceria entre as *Madres* e os artistas na realização dos *siluetazos* revela uma importante faceta da estratégia de atuação do movimento no enfrentamento do autoritarismo e na busca por justiça pelos filhos. As *Madres* tiraram partido de uma matéria-prima que ultrapassa a materialidade dos cartazes e estandartes, e também a potência dos discursos e manifestos. Essa matéria-prima tornou-se a marca primordial de grande parte das lutas e organizações nascidas no período pós-ditatorial dos países latino-americanos: o espaço. A mobilização do espaço como ferramenta não deixa a cidade passar ilesa: a atuação das *Madres de Plaza de Mayo*, assim como a atuação de muitos outros movimentos sociais da América Latina, faz um corte no espaço urbano, altera as dinâmicas da vida na cidade e funda um novo paradigma no que diz respeito à potência das mobilizações sociais, na criação de uma *outra* produção do espaço.

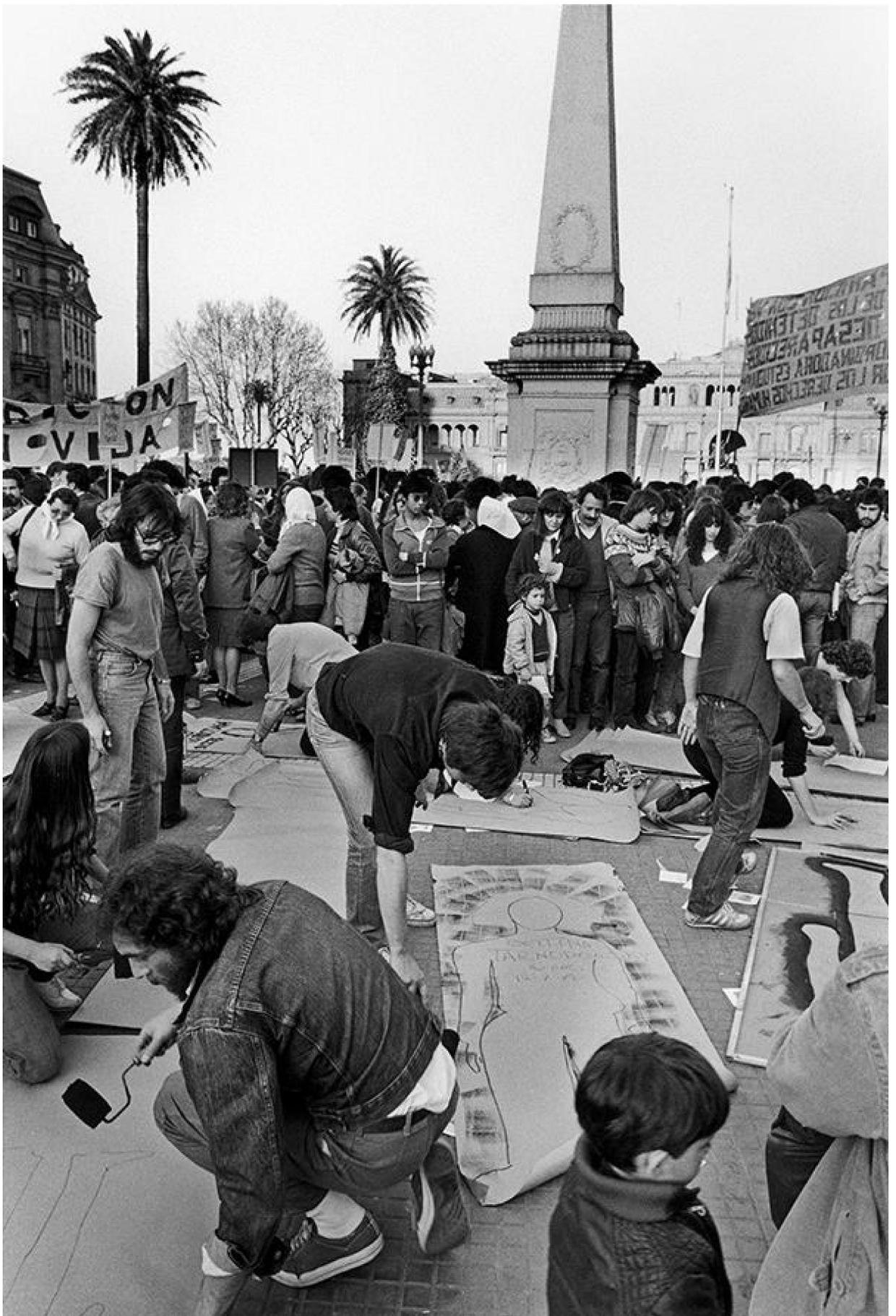


Fig. 1: *El Siluetazo*, realizado em 1983, durante a *III Marcha de la Resistencia*. Fonte: Eduardo Gil, 1983. Disponível em: <https://www.eduardogil.com/obras/siluetazo/14.jpg/>. Acesso em: 8 mai. 2021.

O movimento das *Madres de Plaza de Mayo*, como já anuncia o seu nome, nasce geograficamente situado, espacializado, mobilizando esse recurso urbano que sempre foi paradigmático em solo latino-americano. Reunidas na *Plaza* há 44 anos, suas integrantes marcham todas as semanas para não deixar esquecer. A territorialização, manifesta através do movimento descrito no espaço, que caracteriza as rondas de todas as

tardes de quinta-feira, passaram a ser uma espécie de carimbo, a marca registrada de um movimento social novo e formado quase exclusivamente por mulheres. A espacialização, no entanto, não figura como a única estratégia de ação das *Madres de Plaza de Mayo*. A ela, soma-se também a reivindicação do lugar de narradoras, seja da história de seus filhos e das atrocidades cometidas durante a ditadura militar, ou da própria história e do papel que ocupam, como mulheres e como movimento. As marchas silenciosas na praça, as fotos estampadas em grandes totens, os discursos proferidos em eventos, as entrevistas e documentários elaborados ao longo dos anos, são todos, à sua maneira, uma forma de contar as histórias que a narrativa oficial silenciou.

Dentre todos esses dispositivos, um em específico se destaca por seu caráter fundamentalmente narrativo, uma abordagem quase literal desse desejo de contar e recontar histórias. No início da década de 1990, o escritor argentino Leopoldo Brizuela organizou a primeira oficina literária em parceria com as *Madres*, parte de um projeto de encontro com a escrita, que tinha por objetivo apresentar às participantes uma nova ferramenta de expressão e de registro (PONZIO, 2009). Nessas oficinas literárias (que aconteceram ao longo das décadas de 1990 e 2000), diversos textos e poemas foram produzidos pelas *Madres* e, posteriormente, publicados em forma de livro. Entre eles, pode-se destacar *Nuestros Sueños* (1991), *El Corazón en la Escritura* (1997) e *Pluma Revolucionária* (2007).

Os exemplos dos *siluetazos* e das oficinas de escrita literária deixam claro que esse encontro entre narrativa e espaço está no cerne das estratégias de ação das *Madres de Plaza de Mayo*. Com isso em vista, o objetivo deste artigo é fazer uma investigação especializada da trajetória do movimento e entender a relação existente entre essas territorialidades produzidas pela atuação das *Madres* e a construção das narrativas que permeiam o grupo e suas integrantes. A partir dos conceitos de espaços de aparição, de Hannah Arendt, e de território, de Haesbaert, pretende-se mapear a jornada das *Madres* da casa à praça e, posteriormente, a outros territórios, através de um viés crítico que não se contenta com a dicotomia doméstico-público ou materno-político.

Para localizar essas trajetórias e narrativas, a pesquisa recorre a dois principais métodos:

Seleção e análise de poemas e textos em prosa produzidos pelas *Madres* durante as oficinas literárias das décadas de 1990 e 2000, concentrados, em sua maioria, no livro *El Corazón en la Escritura* (ASOCIACIÓN MADRES DE PLAZA DE MAYO, 1997). A seleção priorizou as produções textuais que mobilizam temas espaciais e recorrem às imagens da casa, da praça e de outros espaços-chave da luta como uma forma de narrar a trajetória das *Madres* e articular as questões do movimento com suas práticas territoriais. Além da produção literária, outros textos e depoimentos foram coletados em entrevistas — concedidas a pesquisadores e à mídia ao longo desses 44 anos — e em materiais institucionais produzidos pelos muitos braços que o movimento tem hoje³;

Mapeamento dos espaços-chave da luta das *Madres*, assinalando sobre a malha de Buenos Aires os pontos nodais da atuação territorial do movimento (Figura 2). Para a produção da cartografia, foi feito um levantamento dos locais em que alguns dos filhos e netos das *Madres* foram raptados ou vistos pela última vez⁴. Foi incluída também a geolocalização da *Plaza de Mayo*, da *Ex-ESMA* e da *Villa 15*, locais que serão explorados ao longo dos itens 2 e 3 deste artigo. A produção do mapa faz parte da estratégia de espacialização da pesquisa, sendo fundamental para a interpretação do entrecruzamento entre narrativa e território.

A pesquisa propõe que a trajetória, tanto espacial quanto narrativa, do movimento não se encaixa nas linearidades que comumente rondam as análises realizadas sobre o grupo. Para além dos vetores casa-praça e materno-político, propõe-se uma interpretação da trajetória das *Madres* como uma rede de vetores territoriais e narrativos em constante expansão, uma rede que não obedece à normativa das dicotomias comumente impostas aos movimentos encabeçados por mulheres, a partir da metade do século XX.

2 Da casa à praça

Hannah Arendt (1998), em *A Condição Humana*, fala sobre o que constitui a esfera pública e quais relações essa esfera estabelece com seus sujeitos. Utilizando a *polis* grega como medida para a noção de público, a autora define o que ela chama de *espaços de aparição*, o espaço onde "(...) eu apareço aos outros e os outros aparecem a mim, onde o homem existe não como mero ser vivo ou coisa inanimada, mas fazendo sua aparição explícita" (ARENDRT, 1998, p. 198-199, tradução nossa). Após traçar um longo panorama histórico sobre a mudança das esferas políticas e sociais e suas relações com a esfera pública ao longo dos tempos, ela

chega à conclusão de que o próprio tecido do que consideramos que seja a realidade é definido por essa “capacidade de aparecer”, de atestar, através da presença do outro, o que vemos e ouvimos.

A escolha da *Plaza de Mayo* como espaço chave da luta das *Madres* se justifica com facilidade frente ao conceito de espaços de aparição. Em um contexto de repressão e autoritarismo, no qual a barbárie e o genocídio contavam com elaborados mecanismos de Estado para permanecerem no anonimato, é de se esperar que um movimento pautado em trazer essas atrocidades à luz recorresse a este espaço de aparição, não apenas por uma questão óbvia de visibilidade, mas para que a partilha desse espaço comum mantivesse viva, para aquelas mulheres, a certeza de que essa era, de fato, uma realidade.

No entanto, apesar de as análises espaciais sobre o movimento das *Madres* estarem usualmente focadas no espaço da praça, é importante lembrar o papel que a casa exerceu (e ainda exerce) na construção das redes de mobilização da organização. A casa, como espaço e como lugar simbólico, é um elemento importantíssimo na trajetória do movimento das *Madres de Plaza de Mayo*. Presente antes mesmo da gênese do grupo — visto que grande parte das ações que culminaram no rapto dos desaparecidos acontecia dentro de suas próprias residências —, a casa teve sua semântica transformada, alargada e adaptada, acompanhando as mudanças sofridas pelo próprio movimento.

A casa, símbolo do familiar, da maternidade e da performance da feminilidade na narrativa totalizante e colonizada da história das mulheres, aparece em meio ao ativismo das *Madres* com novas funções e significados. O momento que inaugura a casa como um dos pontos nodais da trajetória do movimento já a introduz como cenário de terror, a partir da invasão e sequestro dos filhos por parte das forças militares, sob a justificativa de que eram subversivos e inimigos da nação (alguns desses locais estão assinalados na figura 2). Pontuado em diversos relatos e entrevistas, esse momento geralmente se configura como a última vez em que mães e filhos viram uns aos outros.

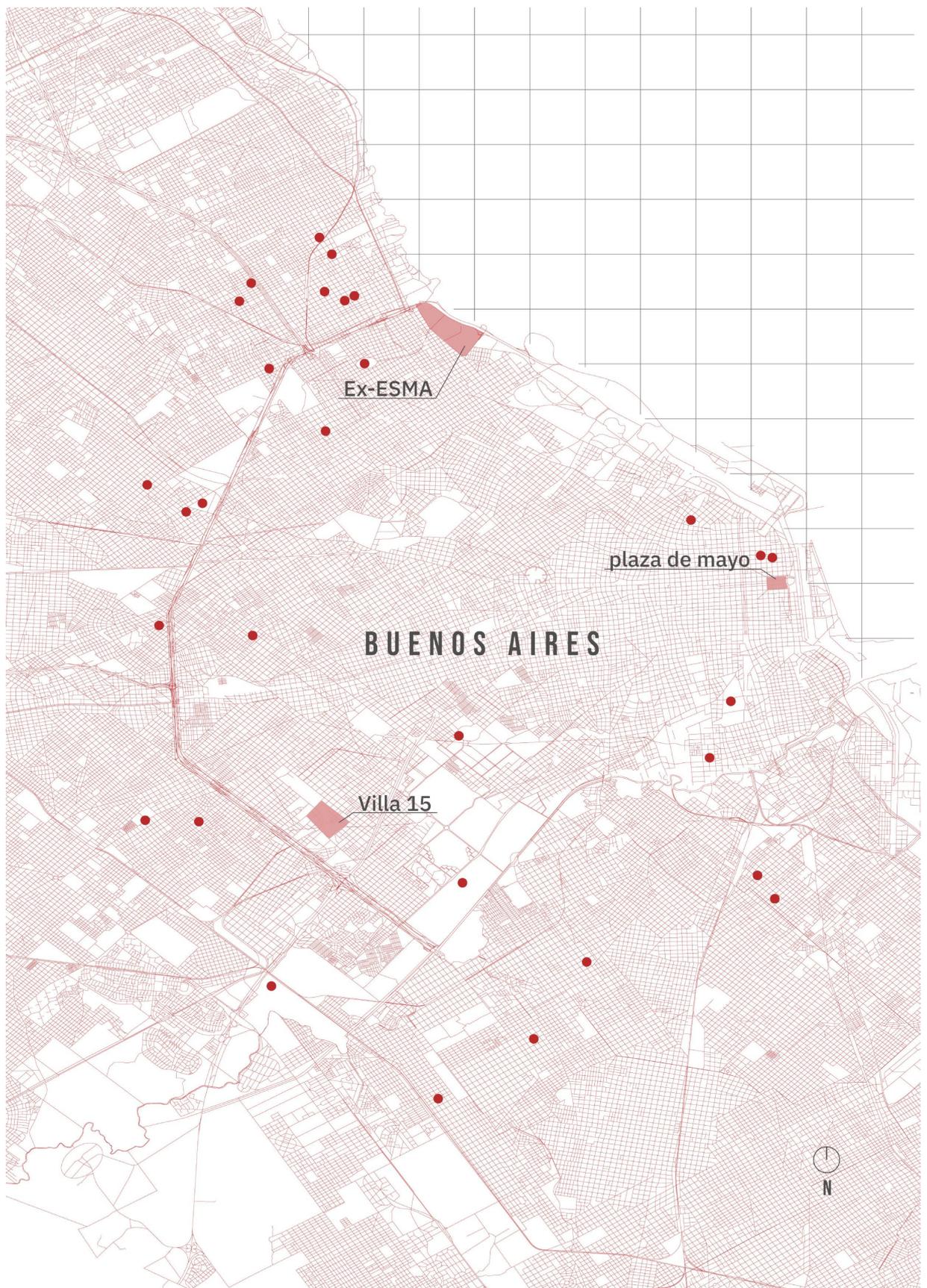


Fig. 2: Mapa dos locais onde os filhos e netos das *Abuelas de Plaza de Mayo* foram raptados ou vistos pela última vez (1975-1979). Mapa autoral, elaborado a partir das informações disponíveis em: <https://www.abuelas.org.ar/caso>. Acesso em: 8 mai. 2021. Fonte (base cartográfica): Open Street Maps. Disponível em: <https://bit.ly/343017a>. Acesso em: 8 mai. 2021.

A brutalidade das invasões dos militares ao ambiente da casa se torna, então, metáfora para o público invadindo o privado, o político se misturando ao materno. Em meio às lembranças dos momentos familiares, a imagem dos “milicos” arrombando a porta surge como o momento em que a ditadura militar deixava de ser apenas palavra ou imagem para se materializar dentro do espaço físico e simbólico da casa. Essa questão se coloca de forma muito clara na fala de Porota Colás Meroño, em um trecho do livro *El Corazón en la Escritura*, no qual diversas *Madres* partilham memórias em torno de refeições e receitas que faziam em família:

Antes, quando contávamos a experiência de desaparecimento de nossos filhos, eu dizia que havia muitas comidas que eu já não fazia: uma era esta. *Porque até nestas coisas que parecem tão insignificantes, e não o são, a ditadura militar também influenciou.* Nos desfizeram a família, já não podíamos nos reunir, uns não estavam e outros não tínhamos vontade, comer em família e com amigos é conversar, rir, brincar, é projetar, é amar. (ASOCIACIÓN MADRES DE PLAZA DE MAYO, 1997, p. 26, tradução⁵ e grifo nossos)

No entanto, é a partir da mesma casa que muitas dessas mães começam a construir sua caminhada como *Madres*, organizando reuniões para tecer estratégias e trocar experiências. Sobre o primeiro cenário (o trágico), passa-se a construir um novo, de união e organização. Depois de se cruzarem e se conhecerem nos corredores e salas das repartições públicas, para onde se encaminhavam diariamente em busca de informações, começaram a se encontrar em outros lugares, especialmente em apartamentos e casas cedidos pelas próprias *Madres* participantes.

As *Abuelas* relembram essas reuniões em um dos trechos do livro *La Historia de Abuelas: 30 años de búsqueda*:

Quando se reuniam em casas particulares tomavam precauções para não serem descobertas. Se era em um edifício, se juntavam na hora da *siesta* para não cruzarem com o porteiro. Evitavam usar o elevador por causa dos ruídos, baixavam as persianas e falavam quase sussurrando. Muitas delas deixaram de fumar para que o cheiro não as denunciasse. “O primeiro lugar onde começamos a funcionar foi o apartamento que as *Madres* tinham, elas nos emprestaram um cômodo. Ficamos lá por um tempo, mas como era muito pequeno, quando pudemos, alugamos um apartamento na Montevideo, número 700 [Figura 3]. Também nos reuníamos nas casas de outras *Abuelas* (...)”, conta Raquel [Radío de Marizcurrena]. (ABUELAS DE PLAZA DE MAYO, 2007, p. 15, tradução nossa⁶).



Fig. 3: *Abuelas* reunidas no apartamento da rua Montevideo, 700, década de 1980. Autor desconhecido. Fonte: ABUELAS DE PLAZA DE MAYO, 2017, p. 59. Disponível em: <https://www.abuelas.org.ar/publicacion?pagina=1>. Acesso em: 8 mai. 2021.

Falando sobre esta mudança do papel da esfera privada e da inserção do ativismo no cotidiano das *Madres*, Hebe Bonafini, em entrevista, relembra a casa como um lugar em que “mulheres como nós viviam em um mundo isolado, que acabava na porta da frente [...]... quando você vive assim, você não sabe quais direitos tem... você não entende nada” (HOWE, 2006, p. 46, tradução nossa). A memória da casa como espaço de

restrição e isolamento não aparece por acaso. Em um contexto de ditadura e autoritarismo, o reduto familiar do lar funcionava, na narrativa e na prática, como um centro anti subversão, um refúgio contra a rebeldia, onde o papel feminino asseguraria o conforto e a educação dos jovens.

Apesar de ter acontecido de diferentes formas para cada *Madre*, o rompimento dessa esfera para permitir o engajamento na procura dos filhos — que já se iniciara a partir do momento em que a luta encontrou abrigo dentro das casas e apartamentos — geralmente envolvia o enfrentamento de maridos e familiares. Estela Carlotto, líder das *Abuelas de Plaza de Mayo*, conta em entrevista que

uma por uma, enquanto percebíamos o que estava acontecendo e chegamos à devastadora conclusão de que nossos filhos não voltariam para casa ou entrariam em contato, percebemos que não poderíamos continuar passivas. Começamos a tomar atitude. Um dia, por exemplo, eu disse para o meu marido: “você fique em casa — eu estou saindo”. Eu fui falar com advogados, políticos e soldados, tentando descobrir onde estava minha filha. Ninguém conseguia dizer sobre seu paradeiro. (CARLOTTO, 2017, p. 488, tradução nossa)

Esse *entre-lugar* ocupado pelas *Madres*, essa ousadia em sair da esfera da casa e, ao mesmo tempo, a insistência no papel de mãe protegeu seu ativismo da mira direta das forças militares, pois persegui-las e torturá-las seria perseguir e torturar os “anjos do lar”. Essa localização entre a casa e a praça foi usada como estratégia pelas *Madres*, que se apoiavam nas imagens do ideal materno para negociar a permanência na luta. Mas permanecer em casa, mesmo que trazendo reuniões e outras *Madres* para dentro dela, passou a não ser suficiente. Chegou o dia em que disseram “chega, chega de esperar, chega de olhar pela janela, é preciso sair para a rua” (ASOCIACIÓN MADRES DE PLAZA DE MAYO, 1997, p. 61, tradução nossa⁷). Da mesma forma que o regime entrou em suas casas, levando-lhes os filhos, elas iriam também sair, iriam às ruas, à praça, iriam, elas também, mesclar maternidade e política, privado e público. Ao sair da esfera da casa, elas faziam a transição da luta individual para a luta coletiva (Figura 4). O depoimento de Hebe Bonafini aborda essa mudança e a escolha da praça:

Muita gente se pergunta por que, havendo outras instituições, as Madres foram à *Plaza*, e por que nos sentimos tão bem na *Plaza*. E isto é uma coisa que pensamos agora, não pensamos no dia. E quanto mais falo com as pessoas que sabem mais do que nós, mais nos damos conta de por que se criaram as *Madres*. E nos criamos porque não nos sentíamos bem em outras instituições; havia sempre um escritório de colocar medo, havia sempre uma coisa mais burocrática. *E na Plaza éramos todas iguais*. Esse “o que aconteceu?”, “como foi?”. Éramos uma igual à outra; a todas nos tinham levado os filhos, com todas se passava o mesmo, tínhamos ido aos mesmos lugares. E era como se não houvesse nenhum tipo de distanciamento. Por isso é que a *Plaza* nos agrupou. Por isso é que a *Plaza* se consolidou. (MADRES DE PLAZA DE MAYO, 1997, p. 16, tradução⁸ e grifo nossos)

Quando decidiram, pela primeira vez, andar em círculos no centro da *Plaza*, em uma estratégia para permanecer no local e confundir os policiais, iniciavam uma marcha ainda incipiente, mas que duraria por muitas décadas, até os dias atuais, alterando a dinâmica do espaço público, exigindo a pausa para o olhar e vincando o chão de ladrilho, semana após semana, para garantir que o esquecimento não é uma opção.



Fig. 4: Abuela Clara Jurado, em protesto na Plaza de Mayo. Data desconhecida. Autor: Daniel García. Fonte: ABUELAS DE PLAZA DE MAYO, 2017, p. 37. Disponível em: <https://www.abuelas.org.ar/publicacion?pagina=1>. Acesso em: 08 maio 2021.

A partir deste momento, a *Plaza de Mayo* se torna a perfeita definição do conceito de *espacio de aparición*, de Hannah Arendt. A transferência da luta para a esfera pública se relaciona diretamente à ideia de que “toda atividade performada em público consegue atingir uma excelência que nunca seria equiparada no privado; para a excelência, por definição, a presença de outros é sempre requerida, e essa presença precisa da formalidade do público (...)” (ARENDR, 1998, p. 49, tradução nossa). A possibilidade de ver e ser vista na praça (em comparação com a privacidade — agora indesejada — do lar) é relatada no poema de Hebe Bonafini (ASOCIACIÓN MADRES DE PLAZA DE MAYO, 1997, p. 70):

*Vienen a mi mente tantas puertas
las de mi casa de infancia, siempre sin llave
las de mi escuela, abiertas, limpias
las de la sala de partos, fuertes, suaves, de vaivén*

*y de repente las de las comisarías, los cuarteles y la
iglesia
cerrándose con fuerza en nuestras propias caras sabiendo que
allí detrás seguro estaban nuestros hijos*

*Cuántas puertas cuánta vida
cuánta muerte detrás de ellas.*

*Por eso lo más lindo es la Plaza
porque no tiene puertas.
Por eso allí todo es más claro.*

A modificação da paisagem da *Plaza*, que ocorre através da presença e da movimentação dos corpos das mulheres ao redor da pirâmide, vai muito além de uma mobilização estética da imagem da praça como um elemento da luta política. A ação presencial das *Madres* vira estratégia de territorialização, uma espacialização que se tornou fundamental para a longevidade do movimento; simultaneamente, essa mesma presença modifica também o próprio espaço, a partir do momento em que sua ocupação interfere nas interlocuções com o entorno e ressignifica o lugar da praça para a população da capital. Sobre esse fenômeno e sua relação com o conceito de território, Haesbaert comenta:

Podemos afirmar que o território é relacional não apenas no sentido de ser definido sempre dentro de um conjunto de relações histórico-sociais, mas também no sentido, destacado por Godelier, de incluir uma relação complexa entre processos sociais e espaço material (...). Além disso, outra consequência muito importante ao enfatizarmos o sentido relacional do território é a percepção de que ele não implica uma leitura simplista de espaço como enraizamento, estabilidade, delimitação e /ou “fronteira”. Justamente por ser relacional, o território é também movimento, fluidez, interconexão — em síntese e num sentido mais amplo, temporalidade. (HAESBAERT, 2004, p. 82)

A visualização da *Plaza de Mayo* como território das *Madres*, portanto, não se encerra em si mesma e não pressupõe que a mera ocupação do espaço seja o caráter fundamental para que esse laço territorial seja estabelecido. O que define a territorialização do movimento é a convicção de que os muitos anos de ocupação daquele espaço físico fez com que os processos sociais a ele conectados fossem modificados, em uma equação que nunca se balanceia por completo. María del Carmen Berroca, utilizando a metonímia do banco da praça, exemplifica essa ideia, de forma poética:

Os bancos da *Plaza de Mayo* sabem que, ainda que não haja ninguém na *Plaza*, nossos filhos estão lá, sempre presentes, e estão lá porque a *Plaza* não tem grades e eles amavam a liberdade e lutavam por ela. Os bancos da *Plaza* têm vida. Essa vida somos nós que damos. (ASOCIACIÓN MADRES DE PLAZA DE MAYO, 1997, p. 75, tradução⁹ e grifo nossos)

A definição de território desenhada por Haesbaert (2004), no entanto, também deixa pistas para a compreensão do que considero uma segunda fase da trajetória do movimento. Assim como no conceito de Haesbaert, a construção relacional de um território das *Madres* não pressupõe o seu arraigo às fronteiras da *Plaza de Mayo*. O movimento, a fluidez e a interconexão inerentes ao conceito levaram a luta a outros espaços de aparição possíveis e modificaram não apenas as arenas de atuação e ocupação, mas os próprios limites do que as *Madres* consideravam suas causas de luta. Ao longo dos anos, principalmente após o processo de democratização, o espaço deixa de ser apenas ferramenta ou dispositivo e se torna, ele mesmo, parte das causas pelas quais lutam as *Madres*. Há mais de 40 anos vivendo no espaço *entre* a praça e a casa, tensionando territórios e temporalidades, as *Madres* garantiram que o raio da caminhada em círculos se expandisse, abraçando outras causas, outros desafios, extravasando os contornos da praça e se espalhando por outros territórios.

3 Para além da casa e da praça

Lynn Stephen (1997), em seu livro *Women and Social Movements in Latin America: Power from Below*, argumenta sobre a divisão da vida social, política, cultural e econômica em uma esfera privada-feminina e uma esfera pública-masculina. Para ela, é preciso existir uma “(...) análise alternativa, que ligue os mundos social, político, econômico e cultural das mulheres através de uma unidade de experiência, não uma dicotomia público/privado” (STEPHEN, 1997, p. 7, tradução nossa). Analisar a trajetória das *Madres* como uma jornada linear da casa — privada, materna e feminina — à praça — política e inerentemente masculina — encapsula seu ativismo em uma dicotomia que, além de imprecisa, veda outras possibilidades de leitura de suas estratégias narrativas e espaciais.

Além de terem desafiado o espaço físico e simbólico da casa como um reduto de privacidade e passividade — levando para dentro dela os encontros e reuniões do movimento — e da praça como essa arena pública e masculina — levando para dentro dela seus corpos de mulher e de mãe —, as *Madres* não limitaram suas investidas espaciais a esse vetor casa-praça. Duas iniciativas, realizadas após o período de redemocratização, podem ser citadas para exemplificar esses desvios e expansões das estratégias utilizadas e das causas defendidas pelo movimento.

O primeiro transbordamento para além dos contornos da *Plaza* que exemplifica esse movimento de expansão é iniciado ao fim da ditadura militar, na década de 1980, e permanece, até os dias de hoje, como importante arena de debates, controvérsias e, principalmente, novas e potentes reflexões. A menos de 15 quilômetros da *Plaza de Mayo*, um dos lugares que protagonizou a barbárie e a violência do regime militar argentino permanece como uma marca histórica no tecido urbano de Buenos Aires. A ESMA (*Escuela de Mecánica de la Armada*), que era, até o início da ditadura, apenas mais uma das instituições militares da cidade, transformou-se no maior centro clandestino de encarceramento e tortura da última ditadura militar argentina (ver localização no mapa da Figura 2). A estimativa é de que 5.000 pessoas foram “desaparecidas” dentro dos edifícios que compunham a escola. (PAUCHULO, 2009)

Com o fim do regime, propostas de demolição e de construção de um parque no local foram ferrenhamente opostas pelas famílias das vítimas, que entendiam a iniciativa como uma forma de apagamento dos vestígios forenses e da memória dos que tinham sido torturados e mortos no local (FELD, 2017). Diante das propostas,

as *Madres de Plaza de Mayo* direcionaram suas articulações para garantir que aquele espaço, cenário da tortura e assassinato dos filhos, fosse também um território das *Madres* por direito. Após anos de debates e mobilizações, em 2004, no aniversário de 28 anos do golpe militar, o espaço foi definitivamente desocupado pelos militares e se tornou um *Espacio para la Memoria y para la Promoción y Defensa de los Derechos Humanos* (FELD, 2017). Dentro do movimento das *Madres*, no entanto, estabeleceu-se um dilema entre os valores de passado e de presente/futuro, abrigados pelo local: enquanto integrantes dos grupos *Línea Fundadora* e *Abuelas* acreditavam que o espaço devia ser deixado intacto, para servir como prova judicial dos crimes cometidos durante a ditadura, as *Madres* da *Asociación* apostavam em uma abordagem “de vida”, na qual a memória seria preservada e propagada através de atividades e intervenções artísticas e culturais¹⁰.

Em 2007, mesmo com o fim definitivo das atividades militares no perímetro da ex-ESMA, a partilha dos edifícios entre diferentes associações e a decisão de manter os principais locais de tortura e encarceramento praticamente intactos, os tensionamentos sobre esse espaço não se esgotaram. A ex-ESMA, envolta, portanto, em um paradigma de temporalidade em que passado, presente e futuro se confrontam e as possibilidades de ocupação colocam os atores em movimento, atende aos requisitos da definição de território delineada por Haesbaert (2004). Sua semântica de espaço-problema, criador de dissenso, reorganiza (ou, no melhor sentido, desorganiza) a lógica territorial centrada no eixo casa-praça, abrindo-se como uma nova possibilidade de ocupação e de atuação para o movimento.

No mesmo ensejo de expansão das causas e territorialidades abraçadas pelas *Madres*, o segundo transbordamento para além dos contornos da *Plaza* é a iniciativa *Sueños Compartidos*. Em 2005, após um incêndio destruir diversas áreas no bairro conhecido por *Villa 15*, a *Asociación Madres de Plaza de Mayo* deu início ao programa, que tinha por objetivo reconstruir as moradias e oferecer empregos e capacitação na área da construção civil para a comunidade (ver localização no mapa da Figura 2). A região do bairro onde nasceu a iniciativa também é conhecida como *Ciudad Oculta*. Segundo o suplemento *Cortamos el Cordón*, publicado pela *Asociación* e dedicado à história dos projetos desenvolvidos pelo grupo, a alcunha é quase literal: durante a Copa do Mundo de 1978, os militares levantaram um muro em torno da comunidade, para esconder dos turistas “a miséria planejada em um país que se autoproclamava direito e humano” (BERENQUER, 2011, p. 1, tradução nossa¹¹). O programa *Sueños Compartidos*, mais de 30 anos depois, reclamou a *Ciudad Oculta*, escondida e silenciada pela ditadura militar, como um território possível das *Madres*. No projeto piloto da *Villa 15*, além da construção de moradias, o programa previa também a reativação do *Elefante Blanco*, um hospital abandonado que teve as obras retomadas pela *Asociación*, para virar uma espécie de centro comunitário, onde se instalaram cozinhas, refeitórios, ginásio, atelier de costura e creche para as crianças dos trabalhadores envolvidos nas obras (BERENQUER, 2011).

O projeto, posteriormente, passou a integrar um programa de financiamento do governo federal argentino, que destinava verbas para iniciativas de produção desmercantilizada de moradia. Mais de 20 novos empreendimentos foram construídos em diversas cidades do país, expandindo o raio de atuação do programa para além dos contornos de Buenos Aires (PALOMBI, 2019). À maneira dos movimentos circulares performados no centro da praça, a trajetória de atuação das *Madres* volta, então, ao seu ponto de partida: a casa. No entanto, esse espaço, agora, aparece transmutado em uma causa coletiva, um território comum, no qual o binômio privado-feminino não vigora.

A essas duas experiências, somam-se muitas outras: a criação da *Universidad Popular Madres de Plaza de Mayo*, a *Biblioteca Popular Julio Huasi*, a *Librería de las Madres*, entre outras. As iniciativas citadas, encabeçadas pela *Madres* da *Asociación*, fazem parte de um projeto de “*memoria de acción*” (PAUCHULO, 2009, p. 33), que surge a partir da expansão dos objetivos do movimento para além da busca pelos desaparecidos e que aposta na continuidade da luta dos filhos por justiça social e liberdade como a melhor forma de celebrá-los e rememará-los. É importante também citar a imensa rede internacional de colaboração, que transportou a *Plaza de Mayo* pelo mundo e que transformou a causa das *Madres* em um modelo de luta por direitos humanos.

4 Conclusão

“(…) A esfera política surge diretamente da ação conjunta, da ‘partilha de palavras e feitos’. Assim, a ação não só tem uma relação íntima com a parte pública do mundo que é comum a nós todos, mas é *exatamente* a atividade que o constitui” (ARENDT, 1998, p. 198, tradução e grifo nosso). A reflexão de Hannah Arendt abre uma nova possibilidade de entendimento para a trajetória de luta das *Madres de Plaza de Mayo*: mais do que uma caminhada do privado ao público, da casa à praça, a territorialização produzida pelos corpos das *Madres* é *exatamente* o que cria o público, o que compõe a urdidura da esfera política.

Enquanto escreviam poemas ou marchavam na *Plaza* (e para além dela), o movimento mobilizou estratégias narrativas e espaciais não apenas para ocupar um espaço sitiado e masculino, mas para construir uma possibilidade de *outro* território comum. Na expansão dos objetivos e desdobramentos do movimento, o

caráter da atuação das *Madres* também se atualiza, como é possível observar nos *slogans* da *Marcha Anual de la Resistencia*, que passam a exigir justiça social, combate à fome e ao desemprego, o não-pagamento da dívida externa e a união latino-americana.

Em um continente que ainda luta contra suas heranças coloniais, que sofre com os avanços neoliberais e que acompanha, com temor, o despertar de uma nova onda fascista, sempre à espreita, a resiliência das *Madres de Plaza de Mayo* e a sua luta incessante, sempre em expansão, são pontos de ancoragem, um precedente-presente que desafia as configurações políticas, sociais e urbanas das cidades latino-americanas e contribui para o coro de movimentos sociais que resistem em busca de justiça e liberdade no Sul Global.

Referências

ABUELAS DE PLAZA DE MAYO. **Abuelas de Plaza de Mayo**: photographs of 30 years in Struggle. Buenos Aires: [s.n.], 2017. Disponível em: <https://www.abuelas.org.ar/archivos/publicacion/APM%20photographs%2030%20years%20Translated%20Tamara%20Lamela.pdf>. Acesso em: 9 maio 2021.

ABUELAS DE PLAZA DE MAYO. **La Historia de Abuelas**: 30 años de búsqueda. Buenos Aires: Abuelas de Plaza de Mayo, 2007. Disponível em: <https://www.abuelas.org.ar/archivos/publicacion/abuelas30.pdf>. Acesso em: 9 maio 2021.

ARENDT, H. **The Human Condition**. Chicago: University of Chicago Press, 1998.

ASOCIACIÓN MADRES DE PLAZA DE MAYO. **El Corazón en la Escritura**. Buenos Aires: Asociación Madres de Plaza de Mayo, 1997.

BERENQUER, C. El nacimiento de una pasión. **Cortamos el Cordón**: historia de la misión Sueños Compartidos. Buenos Aires, n. 1, p. 1-4, mar. 2011. Supl. 1.

CARLOTTO, E. B. de. Interview with Estela Barnes de Carlotto. [Entrevista cedida a] Vincent Bernard e Ximena Londoño. **International Review of The Red Cross**, [s.l.], v. 99, n. 905, p. 487-495, ago. 2017.

FELD, C. Preservar, recuperar, ocupar: Controversias memoriales en torno a la ex-esma (1998-2013). **Revista Colombiana de Sociología**, [Colômbia], v. 40, n. 1, p. 101-131, jan. 2017.

GORINI, U. **La rebelión de las Madres**. Historia de las Madres de Plaza de Mayo. Tomo I (1976-1983). Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2006.

GORINI, U. **La otra lucha**. Historia de las Madres de Plaza de Mayo. Tomo II (1983- 1986). Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2008.

HAESBAERT, R. **O Mito da Desterritorialização**: Do "Fim dos territórios" à Multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2004.

HOWE, S. E. The Madres de la Plaza de Mayo: Asserting Motherhood; Rejecting Feminism? **Journal of International Women's Studies**, [Bridgewater], v. 7, n. 3, p. 43-50, 2006.

LONGONI, A.; BRUZZONE, G. A. (orgs). **El Siluetazo**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2008.

MADRES DE PLAZA DE MAYO. **Ni un paso atrás**: Madres de Plaza de Mayo. Tafalla: Editorial Txalaparta, 1997.

MONTEIRO, I. C. T. **Narrativas Cartográficas**: Espaço e Literatura de Autoria Feminina na América Latina. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

PALOMBI, A. M. De la villa al conjunto habitacional: notas sobre el alcance de la Misión Sueños Compartidos en la ciudad de Buenos Aires (2006-2011): el caso del conjunto Castañares. **Revista Cuestión Urbana**, [Buenos Aires], ano 3, n. 5, p. 37-50, 2019.

PAUCHULO, A. P. Re-telling the Story of Madres and Abuelas de Plaza de Mayo in Argentina: Lessons on Constructing Democracy and Reconstructing Memory. **Canadian Woman Studies**, Canadá, v. 27, n. 1, p. 29-35, set. 2009.

PONZIO, M. F. G. de A. **Las Madres de Plaza de Mayo**: à memória do sangue, o legado ao revés. 2009. 196 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

STEPHEN, L. **Women and Social Movements in Latin America**: Power from Below. Austin: University of Texas Press, 1997.

1 As reflexões desenvolvidas neste artigo foram elaboradas no contexto da pesquisa *Narrativas Cartográficas: espaço e literatura de autoria feminina na América Latina* (MONTEIRO, 2019). Agradeço a orientação e as contribuições preciosas de Renata Moreira Marquez.

2 Ao longo do artigo, o nome do movimento será grafado em espanhol, seu idioma original, para que se mantenham suas noções semânticas e referências espaciais. O mesmo vale para a expressão *Plaza de Mayo*. (PONZIO, 2009)

3 O movimento das *Madres de Plaza de Mayo*, já em seu primeiro ano, ganhou um subgrupo chamado *Abuelas de Plaza de Mayo*. Ele reunia as *Madres* que, além de estarem à procura dos filhos, buscavam também pelo paradeiro dos netos, que, em sua maioria, ainda estavam sendo gestados no momento do rapto. Em 1986, no entanto, devido a divergências em relação à exumação ou não das valas comuns encontradas após o julgamento dos principais oficiais da ditadura e às divergências referentes à continuidade do movimento após a redemocratização, o movimento das *Madres* se dividiu em dois grandes grupos: a *Asociación Madres de Plaza de Mayo* e *Madres de Plaza de Mayo – Línea Fundadora* (para mais sobre a história do movimento, ver GORINI, 2006, 2008). No contexto do artigo, no entanto, entende-se o movimento das *Madres* ainda como uma potência de unidade, por acreditar-se que todos os grupos, mesmo em suas divergências, colaboraram na construção da luta e no desenvolvimento das estratégias espaciais e narrativas.

4 Levantamento realizado a partir dos dados disponibilizados no *website* das *Abuelas de Plaza de Mayo*, na seção *Nuestros Nietos*. Disponível em: <https://www.abuelas.org.ar>. Acesso em: 9 mai. 2021.

5 Do original em espanhol: "*Antes, cuando contábamos la experiencia de la desaparición de nuestros hijos, yo decía que había muchas comidas que yo ya no hacía: una era ésta. Porque hasta en estas cosas que parecen tan insignificantes, y no lo son, también influyó la dictadura militar. Nos deshicieron la familia, ya no nos podíamos reunir, unos no estaban y otros no teníamos ganas, la comida en familia y con amigos es charlar, es reír, es bromear, es proyectar, es amar.*"

6 Do original em espanhol: "*Cuando se reunían en casas particulares tomaban recaudos para no ser descubiertas. Si era en un edificio, se juntaban a la hora de la siesta para no cruzarse con el encargado. Evitaban usar el ascensor por los ruidos, bajaban las persianas y hablaban casi susurrando. Muchas de ellas dejaron de fumar para que el olor no las delatara. 'El primer lugar donde empezamos a funcionar fue el departamento que tenían las Madres, quienes nos prestaron una habitación. Estuvimos ahí un tiempo, pero como era muy chica cuando pudimos alquilamos un departamento en Montevideo al 700. Además nos reuníamos en casas de otras Abuelas (...)', cuenta Raquel [Radio de Marizcurrena]."*

7 Do original em espanhol: "*basta, basta de esperar, basta de mirar detrás de la ventana, hay que salir a la calle*".

8 Do original em espanhol: "*Mucha gente se pregunta por qué habiendo otros organismos las madres fuimos a la Plaza, y por qué nos sentimos tan bien en la Plaza. Y esto es una cosa que la pensamos ahora, no la pensamos ese día; y cuanto más hablo con la gente que sabe más que nosotros, más nos damos cuenta por qué se crearon las Madres. Y nos creamos porque en otros organismos no nos sentíamos bien cerca; había siempre un escritorio de por medio, había siempre una cosa más burocrática. Y en la Plaza éramos todas iguales. Ese '¿qué te pasó?', '¿cómo fue?'. Éramos una igual a la otra; a todas nos había llevado hijos, a todas nos pasaba lo mismo, habíamos ido a los mismos lugares. Y era como que no habría ningún tipo de distanciamiento. Por eso es que la Plaza agrupó. Por eso es que la Plaza consolidó.*"

9 Do original em espanhol: "*Los bancos de la Plaza de Mayo saben que aunque no haya nadie en la Plaza nuestros hijos están ahí, siempre presentes, y están ahí porque la plaza no tiene rejas y ellos amaban la libertad y lucharon por ella. Los bancos de la plaza tienen vida. Esa vida se la damos nosotros.*"

10 Para mais sobre as controvérsias em torno da ESMA, consultar FELD, 2017.

11 Do original em espanhol: "*la miseria planificada en un país que autoproclamabam derecho y humano*".